



## **Entre a autonomia e o alinhamento: o trabalhismo e o PTB nas páginas do *Ultima Hora* (1951-1954)**

Pâmela Chiorotti Becker\*

BECKER, P. C. **Entre a autonomia e o alinhamento:  
o trabalhismo e o PTB nas páginas do *Ultima Hora* (1951-1954)**  
*História Social*, v. 19 n. 27/28, 2024, pp. 517-545.  
<https://doi.org/10.53000/hs.v19i27/28.5306>

---

**Resumo:** O presente artigo examina como o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB) e o trabalhismo foram representados pelo jornal carioca “*Ultima Hora*” entre 1951 e 1954 (durante o segundo governo Vargas). O objetivo é questionar a premissa de que o periódico servia como um mero instrumento de reprodução dos discursos getulistas. Para isso, utilizou-se a Análise de Conteúdo como metodologia, observando ocorrências de estratégias específicas na construção das representações sociais sobre o partido e a doutrina. Ao final do artigo, conclui-se que o jornal apresentava uma autonomia relativa em relação aos elementos analisados.

**Palavras-chave:** Imprensa. Trabalhismo. PTB.

---

\* Doutorado em andamento em História na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Consultora acadêmica (Facilita Pesquisa). Fomento: CAPES.



## **Between autonomy and alignment: laborism and the PTB in the pages of *Última Hora* (1951-1954)**

Pâmela Chiorotti Becker

---

**Abstract:** This article examines how the Brazilian Labor Party (PTB) and laborism were represented by the Rio de Janeiro newspaper *Última Hora* between 1951 and 1954, during Vargas's second term. The study aims to challenge the assumption that the newspaper merely acted as a tool for reproducing Getulist discourses. Using Content Analysis methodology, the research identifies specific strategies employed in constructing social representations of the party and its doctrine. The findings suggest that the newspaper demonstrated relative autonomy in its approach to the analyzed elements.

**Keywords:** Press. Laborism. PTB.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo expandir as perspectivas desenvidadas durante o mestrado da autora, em que foram investigados os discursos da imprensa sobre o trabalhismo e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Neste estudo, destacamos como o jornal *Ultima Hora*<sup>2</sup> (RJ) representou a ideologia trabalhista e a agremiação partidária, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada do grau de autonomia desse veículo de comunicação no contexto do segundo governo Vargas.

A escolha do periódico *Ultima Hora* justifica-se pela sua relação intrínseca com o governo Vargas, como será apresentado na seção de contextualização. Apesar dos avanços nos estudos de historiografia da imprensa e comunicação, parte da literatura ainda caracteriza o *Ultima Hora* como um “instrumento privado de hegemonia”<sup>3</sup> – um conceito gramsciano utilizado para afirmar que o jornal funcionava como um veículo a serviço do governo Vargas. Embora os bilhetes trocados entre Vargas e Lourival Fontes<sup>4</sup>, por exemplo, indiquem um diálogo entre o governo e o jornal, a análise dos discursos jornalísticos do *Ultima Hora* sobre o trabalhismo e o PTB revela uma relação menos linear e subordinada do que sugerem as pesquisas anteriores. Identificamos, inclusive, momentos

<sup>2</sup> A grafia do nome do jornal era propositalmente ausente de acentuação. Respeitaremos a grafia original.

<sup>3</sup> Autoras como Laurenza defendem que o *Ultima Hora* era um periódico essencialmente instrumental do governo, espécie de porta-voz do getulismo disfarçado de jornal independente. Ver: LAURENZA, Ana. **Lacerda x Wainer**: O Corvo e o Bessarabiano. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

<sup>4</sup> Bilhete 193: “É preciso responder a uma carta de Samuel Wainer, comunicando a próxima publicação de seu jornal A Ultima Hora. Agradecer a comunicação, fazer votos pelo êxito de seu empreendimento, declarar que não espero outra coisa de um jornalista como ele, inteligente, objetivo, sabendo escolher os assuntos, expondo-os com clareza, simplicidade, sentindo o que diz. Gosto de ser interpretado por um espírito como o dele. [...] As pessoas que exercem uma parcela de atividade pública apreciam a crítica da imprensa, quando esta se faz com lealdade, [...]. Louvar quando os atos são merecedores de elogio, criticar quando precisam ser esclarecidos ou corrigidos, censurar quando são reprováveis ou merecedores de tal censura. Não agir com deslealdade deturpando os fatos [...].” Disponível em: GOMES, Angela de Castro. **Getúlio escreve a Lourival**: os bilhetes à Casa Civil da Presidência da República (1951-1954). Aracaju: Edise, 2015.

em que o periódico teceu críticas à ideologia estatal e ao partido trabalhista, evidenciando uma relativa autonomia.

O objetivo principal deste artigo é analisar como o jornal *Ultima Hora* abordou o trabalhismo e o PTB durante o segundo governo Vargas, buscando compreender o grau de autonomia do periódico no campo jornalístico. Como objetivos específicos, destacamos: (1) identificar as representações do trabalhismo e do PTB nas colunas opinativas do jornal; e (2) avaliar a autonomia do periódico em relação ao governo Vargas, considerando tanto as críticas quanto os alinhamentos expressos em seus textos. A relevância deste trabalho está na necessidade de difundir uma visão menos determinista dos periódicos em geral, e do *Ultima Hora* em particular.

Para alcançar esses objetivos, examinamos todas as menções aos termos “trabalhismo” e “PTB” em colunas assinadas e não assinadas, reportagens e notícias do *Ultima Hora*. A metodologia aplicada baseou-se na Análise de Conteúdo, conforme Bardin<sup>5</sup> e Moraes<sup>6</sup>, dividida em três etapas: preparação do corpus, categorização e interpretação. A análise concentrou-se nas colunas opinativas do jornal, levando em conta critérios que delimitassem a relação do periódico com o trabalhismo e o PTB.

Para fundamentar nossas interpretações, utilizamos os conceitos de luta simbólica e representações sociais, que permitem compreender os jornais como agentes em disputa no universo simbólico em construção. Através dos discursos, os periódicos constroem delinearções do mundo social e político, buscando legitimar determinadas significações. Essa legitimação ocorre pelo aceite relativamente coletivo, cristalizando essas representações como senso comum. Assim, diferentes agentes competem para estabelecer definições legítimas da realidade social, com seus discursos ora sustentando, ora questionando a ordem vigente. A imprensa, nesse contexto, atua simultaneamente como estruturante e estruturada pela realidade que a cerca, em oposição a boa parte da historiografia que a interpreta como mero instrumento de dominação.

<sup>5</sup> BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3. Ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

<sup>6</sup> MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. **Revista da Faculdade de Educação da PUCRS**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Nossa hipótese inicial pressupunha que os jornais possuíam uma autonomia relativa dentro do campo simbólico, não sendo meros instrumentos de dominação, tampouco detendo um poder autônomo absoluto na conformação da realidade. Essa conclusão resulta de experiências anteriores e da insatisfação com a dicotomia predominante na historiografia e nos estudos de comunicação, que frequentemente dividem os periódicos em polos distintos no que se refere à sua autonomia. Enquanto parte da literatura posiciona os jornais como atores independentes, comparáveis aos “partidos políticos” na acepção gramsciana<sup>7</sup>, outra parcela os define como meros instrumentos de poder. No entanto, essa divisão rígida – entre as mídias como “quarto poder” ou como veículos submissos – não se ajusta às observações realizadas em nossos estudos.

Cabe destacar que, ao nos referirmos ao “jornal” como agente individual responsável pelas afirmações analisadas, reconhecemos a heterogeneidade de sujeitos que contribuem, de maneiras diversas, para os textos publicados. Sempre que possível, identificamos esses indivíduos ao longo do trabalho. Contudo, consideramos o periódico como um sujeito coletivo, guiado por um *habitus*<sup>8</sup> redacional específico e sujeito a pressões internas e externas do campo jornalístico de sua época.

O artigo está estruturado em três partes. A primeira seção contextualiza o período histórico, o jornal *Ultima Hora*, o PTB e a ideologia trabalhista. A segunda seção apresenta a análise dos dados coletados e suas possíveis interpretações. Finalmente, nas considerações finais, discutimos as contribuições da pesquisa e suas implicações para a historiografia e os estudos de comunicação.

---

<sup>7</sup> Exemplos dessa percepção são as autoras Lavínia Ribeiro e Marialva Barbosa. Ver: BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000.** Rio De Janeiro: Mauad X, 2010; RIBEIRO, Lavínia. O processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). In: BARROS, Antonio Teixeira et al. **Comunicação, discursos, práticas e tendências.** São Paulo: Editora Rideel, 2001.

<sup>8</sup> BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

## O *Ultima Hora* e o segundo governo Vargas em perspectiva

Por muito tempo, considerou-se que a vitória getulista no pleito de 1950 representava o resultado da manipulação e da inexperiência das classes populares. Acreditava-se que a verdadeira democracia exigia a exclusão dos setores operários do processo político, sob a justificativa de que, por estarem alienados, não seriam capazes de realizar escolhas adequadas, tornando-se suscetíveis a demagogos e ao caudilhismo. Entretanto, estudos posteriores demonstraram que o apoio popular se consolidou como consequência do reconhecimento, pelas classes operárias, de que a política então chamada de “populista” atendia efetivamente às suas demandas, ainda que com certas limitações.<sup>9</sup> Assim, o discurso que atribuía incapacidade e imaturidade política às classes populares revelava-se fundamentado em preconceitos e no temor da ascensão popular ao regime democrático. Esses elementos refletem um ideário conservador bem estabelecido no exterior e, em grande medida, foram endossados e até mesmo construídos no Brasil por meio da imprensa.

Com o retorno de Getúlio Vargas à presidência em 1951, os jornais pertencentes à chamada “grande imprensa”<sup>10</sup> brasileira manifestaram uma oposição severa a diversos aspectos de seu governo. O jornalista Samuel Wainer sintetizou essa oposição ao cunhar a expressão “campanha de silêncio” para descrever o tratamento dado aos atos getulistas. Nesse contexto, surgiu, ainda em 1951, o jornal carioca *Ultima Hora*. Fundado por Wainer, o periódico foi incentivado por Vargas, que visava estabelecer um jornal diferenciado e capaz de competir com os grandes veículos de comunicação por meio de sua popularidade. Em junho de 1951, o *Ultima*

<sup>9</sup> Ver: FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945-1964)**. São Paulo: Atual, 2006. FERREIRA, Jorge (Org.). **O populismo e sua história: debate e crítica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013. FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Org.). **O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)**. 9 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020. GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>10</sup> Definição de Tânia de Luca para o grupo de periódicos que alcançava grande prestígio e vendagem, atingindo acima de 70 mil exemplares/dia. Ver em: LUCA, Tânia de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

*Hora* começou a circular no Rio de Janeiro, trazendo como destaque inédito em sua primeira edição uma carta do próprio Getúlio Vargas. Na carta, Vargas não apenas saudava o nascimento do diário como também tecia considerações críticas à imprensa em geral.<sup>11</sup>

Samuel Wainer iniciou sua carreira ainda jovem, tendo a oportunidade de conhecer e experimentar o jornalismo produzido nos Estados Unidos. Ao retornar ao Brasil, reuniu e aplicou uma série de inovações baseadas nas técnicas do jornalismo anglo-saxão. Buscava atrair o público-leitor por meio de métodos até então pouco explorados no país, como a valorização estética do layout gráfico, a adoção de uma estrutura editorial que buscava transmitir neutralidade e objetividade, a produção de matérias voltadas para o cotidiano da população e a inclusão de cronistas e colunistas que apresentavam narrativas irreverentes. Essas modernizações, reunidas em um periódico que visava atender às demandas dos subúrbios, transformaram o *Ultima Hora* em um sucesso de vendas, rivalizando com os grandes jornais nacionais.

O *Ultima Hora* não se destacava apenas pela modernidade de sua composição gráfica e editorial. Posicionava-se como um «polo irradiador do pensamento nacionalista», funcionando como um elo entre Getúlio Vargas e a população. Identificando-se como um jornal populista, alinhou-se à esquerda nos debates entre o desenvolvimentismo e o liberalismo,<sup>12</sup> consolidando sua singularidade no cenário da imprensa brasileira.

<sup>11</sup> Trecho da carta de Vargas ao *Ultima Hora*: “A mensagem de confiança que ele encerra constitui o melhor programa que um jornal, apresentando-se como arma do povo, poderia desejar. E este será o compromisso que aqui assumimos: procuraremos corresponder ao que o sr. Getúlio Vargas de nós espera, com o mesmo entusiasmo e fé com que procuraremos não desapontar o mais humilde dos eleitores que o reconduziram à chefia suprema da nação”; ou o escrito de Getúlio Vargas, que, chamando o *ULTIMA HORA* de “um novo marco de progresso na imprensa brasileira”, colocou os periódicos oposicionistas na posição de interessados e de parciais: “Na realidade, gosto de ser interpretado, combatido, discutido ou louvado por espíritos isentos e desinteressados, que sabem enaltecer, nos homens públicos, os atos merecedores de elogio, criticar, quanto precisam ser esclarecidos ou corrigidos ou censurar quando são reprováveis ou errôneos. [...] O que nos fere é a desleal e mal-intencionada deturpação dos fatos, é o premeditado silêncio quando algo existe que merece incitamento e louvor”.

<sup>12</sup> HOHLFELDT, Antonio; BUCKUP, Carolina. **Ultima Hora:** populismo nacionalista nas páginas de um jornal. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

Devido à estreita ligação com Vargas e o getulismo, somada ao processo de investigação ao qual foi submetido em 1953<sup>13</sup>, o periódico *Ultima Hora* ficou marcado pela percepção de ser um instrumento de domínio do poder, frequentemente caracterizado como um mero portavoz do governo. Ao descrever suas impressões sobre os jornais *Ultima Hora* e *Tribuna da Imprensa*, Laurenza afirma que:

As condições inerentes à produção de notícias detectadas na *Ultima Hora* e na *Tribuna da Imprensa*, no período estudado, demonstram que, acima da informação a ser dada pelo leitor, estavam os envolvimentos econômicos e políticos assumidos anteriormente pelos dois jornais. Estavam os compromissos pessoais de Carlos Lacerda e Samuel Wainer.<sup>14</sup>

Ou seja, mantém-se aqui a visão de que o *Ultima Hora* tinha sua agenda determinada pelos interesses de Samuel Wainer e de seus aliados. No entanto, ao destacar a atuação do *Ultima Hora* gaúcho (RS) nos anos 1960, Hohlfeldt e Buckup<sup>15</sup> comentam que o jornal não hesitava em se opor a projetos e ações do governo de Leonel Brizola, caso discordasse do direcionamento adotado. Ressalvadas as diferenças regionais e temporais – visto que a edição gaúcha do periódico esteve em circulação de 1953 a 1971 –, é interessante observar o posicionamento relativamente autônomo do jornal em relação a uma das maiores lideranças trabalhistas do estado.

---

<sup>13</sup> Instigados por Carlos Lacerda, o periódico passou em 1953 pelo que se denominou de “CPI da *Ultima Hora*”. Apesar do nome, o jornal não foi o único a ser investigado. Esse inquérito concluiu que não só o *ULTIMA HORA*, mas demais jornais, como o *Globo*, receberam favorecimentos de crédito elo governo, o que se contrapõe ao discurso corrente da época. Para os conservadores udenistas e para a grande imprensa, o *ULTIMA HORA* era um diário com operações escusas em relação ao governo, recebendo propinas através de créditos do Banco do Brasil para a manutenção de seu trabalho. RIBEIRO, Ana. **Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

<sup>14</sup> LAURENZA, Ana. **Lacerda x Wainer**: O Corvo e o Bessarabiano. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

<sup>15</sup> HOHLFELDT, Antonio; BUCKUP, Carolina. **Ultima Hora**: populismo nacionalista nas páginas de um jornal. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

Assim, considerando essas caracterizações do *Ultima Hora* no contexto delimitado, buscamos refletir sobre o grau de autenticidade do periódico diante dos acontecimentos relacionados ao trabalhismo e ao PTB. Em outras palavras, procuramos compreender em que medida o jornal atuava como mero reproduutor de discursos e até que ponto apresentava estratégias e opiniões próprias.

Para esta análise, escolhemos como recorte temporal o segundo governo Vargas (1951-1954), levando em consideração não apenas a relação entre o periódico, sua criação e o getulismo, mas também o teor das disputas políticas e simbólicas que caracterizaram o período. De um lado, havia o liberalismo conservador, que defendia a abertura ao capital estrangeiro e a manutenção do caráter agrário da economia brasileira. Do outro lado, emergia o nacional-estatismo, que propunha o desenvolvimento autônomo do país por meio da política de substituição de importações e da implantação de indústrias de base, mediadas por um Estado forte e interventor.

Após o governo de Eurico Gaspar Dutra, caracterizado por uma orientação liberal e pela repressão às esquerdas e aos sindicatos, Getúlio Vargas retornou ao poder, desta vez eleito democraticamente com amplo apoio popular, sobretudo das classes operárias. Essas camadas urbanas, fortalecidas pelo processo de industrialização e urbanização aceleradas, marcaram o período e foram, em parte, mobilizadas pelo PTB. Amplos setores trabalhistas defendiam a liderança de Vargas na política, bem como os avanços sociais e políticos associados ao getulismo.

No entanto, o mandato de Vargas foi marcado por turbulências, incluindo diferentes tentativas de estabilização econômica e o enfrentamento de uma oposição ferrenha. O governo também foi abalado por escândalos, como o atentado da rua Toneleros, que intensificaram as tensões políticas. A tentativa de uma “conciliação nacional” entre os partidos de coalizão e a oposição, representada por legendas como a União Democrática Nacional (UDN), foi amplamente criticada pela imprensa. Regina,<sup>16</sup> em sua análise

---

<sup>16</sup> REGINA, Thiago Costa Juliani. *As representações sobre a União Democrática Nacional na imprensa carioca do segundo governo Vargas (1951-1954)*. 2020. Dissertação (Mestrado

sobre a representação da UDN no *Correio da Manhã*, destaca como essa crítica contribuiu para moldar as percepções públicas em torno do partido e do contexto político da época.

A doutrina trabalhista teve origem na Inglaterra, por meio da atuação dos trabalhadores e de sua organização em torno do *Labour Party*. No Brasil, essa doutrina foi adaptada para se tornar um sistema de proteção paternalista aos trabalhadores, centrado na criação de leis e na implementação da seguridade social. Esse processo ficou conhecido como uma política governamental que, muitas vezes, obscureceu o protagonismo do movimento operário brasileiro. De acordo com Angela de Castro Gomes,<sup>17</sup> a construção do trabalhismo pelo governo ocorreu por meio da releitura dos discursos de luta e reivindicação dos trabalhadores, devolvendo-os ressignificados. Nesse contexto, as Leis do Trabalho foram consolidadas pelo getulismo sob a lógica da “doação” – reforçando a ideia de Vargas como um protetor do operariado – e esperando, em troca, a “retribuição” popular.

Discute-se, contudo, a efetividade dessas leis, especialmente durante o período da Segunda Guerra Mundial, quando boa parte do arcabouço jurídico trabalhista foi desmobilizado em favor do chamado “esforço de guerra”. Apesar disso, Ferreira<sup>18</sup> destaca a importância dessas delimitações jurídicas, que acabaram por oferecer um novo instrumental discursivo aos movimentos trabalhistas nas fábricas. Os sindicatos e os trabalhadores passaram a utilizar o vocabulário previsto na legislação para denunciar abusos de poder, pressionando tanto as empresas quanto a Justiça do Trabalho por meio de um universo simbólico formal que antes lhes era inacessível.

Portanto, embora o Estado tenha buscado construir a ideia de pacificação operária e de benevolência paternalista – uma visão amplamente acolhida pelas classes conservadoras e, posteriormente, por parte da

---

em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/9389>. Acesso em 05 ago. 2024.

<sup>17</sup> GOMES, Angela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

<sup>18</sup> FERREIRA, Jorge. **A democracia no Brasil (1945-1964)**. São Paulo: Atual, 2006.

academia –, uma interpretação alternativa sugere que essa política também contribuiu para o fortalecimento do movimento operário. Esse processo instigou uma nova fase na evolução da cidadania brasileira, ampliando as possibilidades de reivindicação e organização das classes trabalhadoras.

O PTB surgiu no contexto da democratização iniciada em 1945, com o objetivo de, em aliança com o PSD, consolidar uma base de apoio ao getulismo e garantir a permanência de Vargas na política mesmo após sua deposição. O partido enfrentou graves conflitos internos, explicados por D'Araújo<sup>19</sup> como consequência da “rotinização do carisma” de Getúlio Vargas. Com o progressivo afastamento de Vargas das questões partidárias – inicialmente devido à crise política que marcou seu governo e, posteriormente, por sua morte –, ocorreram disputas em torno da herança de seu carisma. Essas disputas estavam relacionadas à escolha do sucessor natural que assumiria a liderança e simbolizaria o getulismo de forma predominante.

Os conflitos internos também refletiam as diferentes correntes que coexistiam no partido, em especial a doutrinário-pasqualinista, focada na elevação programática e ideológica do PTB, e a pragmático-getulista, que privilegiava o getulismo e a política eleitoral como eixos centrais, ainda que não exclusivos. Apesar das tensões, o PTB cresceu significativamente durante as décadas de 1950 e 1960, consolidando-se como o principal partido de massas no Brasil à época.

Delgado<sup>20</sup> argumenta que, embora o PTB e seus líderes, como João Goulart, fossem frequentemente acusados de representar uma esquerda radical, alinhada ao peronismo e ao comunismo internacional, essas acusações não passavam de retóricas desqualificadoras voltadas para as classes conservadoras. O trabalhismo, base ideológica do partido, foi concebido como uma “cunha” entre os trabalhadores e os sindicatos, de um lado, e o Partido Comunista, de outro. A intenção era mobilizar as massas populares fora das bases do socialismo.

<sup>19</sup> D'ARAÚJO, Maria Celina. **O segundo governo Vargas 1951-1954 - democracia, partidos e crise política.** 2. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

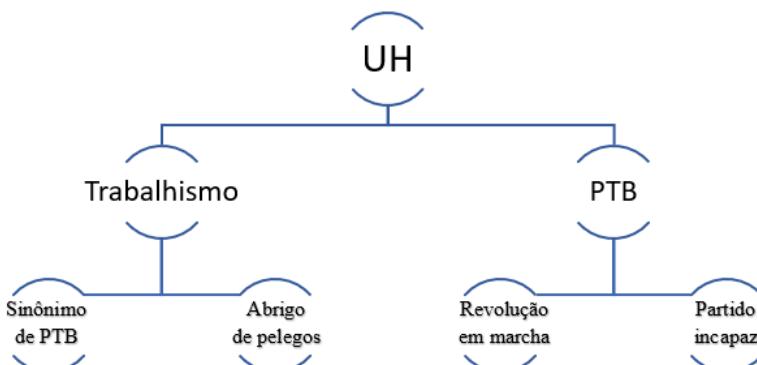
<sup>20</sup> DELGADO, Lucília. **PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964).** 2 Ed. São Paulo: LTr, 2011.

O apoio eventual do Partido Comunista ao PTB e a Vargas, especialmente em momentos decisivos do período democrático (1945-1964), pode ser explicado pela orientação do P.C. de Moscou e pela estratégia<sup>21</sup> adotada pela cúpula pecebista, que visava colaborar com as instituições oficiais como meio de obter legitimidade entre os trabalhadores.

## O discurso de *Ultima Hora* acerca do trabalhismo e do PTB – estratégias e vias

A partir da análise inicial dos materiais gerais, identificamos dois polos opostos de atribuições ao trabalhismo e ao PTB. Assim, definimos a existência de dois grupos básicos de interpretações: atribuições negativas e positivas. Com base nessa distinção, realizamos uma subcategorização, na qual foram identificadas as seguintes denominações gerais, posteriormente organizadas como subcategorias:

**Imagen 1:** Divisão dos posicionamentos discursos do periódico



Fonte: A autora (2025).

Avançando para uma análise mais detalhada, observa-se que o *Ultima Hora* não realizou discussões conceituais sobre o trabalhismo. Esse aspecto

<sup>21</sup> FERREIRA, Jorge. *A democracia no Brasil (1945-1964)*. São Paulo: Atual, 2006.

pode ser explicado, em parte, pelo caráter didático adotado pelo jornal, que construiu um *ethos*<sup>22</sup> professoral voltado às classes populares. Essa abordagem não favorecia a incorporação de descrições mais profundas ou de referências a teorias e postulados de autores intelectuais externos. Quando abordava o trabalhismo, o jornal o apresentava unicamente como uma doutrina partidária associada ao PTB.

Esse enfoque era especialmente evidente nos destaques editoriais, como as cartolas,<sup>23</sup> onde se liam frases como: “Unanimidade em Tôrno do Dirigente Nacional do Trabalhismo – Louvores ao Intenso Trabalho de Arregimentação Partidária e ao Cunho Doutrinário de Que se Revestem Atualmente as Atividades do Partido [...]”<sup>24</sup> ou ainda: “Fala o comandante do trabalhismo gaúcho”<sup>25</sup>.

A ascensão de João Goulart à liderança do PTB nacional, que contribuiu para apazigar os intensos debates entre os políticos petebistas, foi amplamente elogiada pelo *Ultima Hora*. O periódico declarou: “Não há dúvida de que a orientação do Sr. João Goulart à frente do PTB está produzindo os melhores resultados políticos para a agremiação. Já agora os círculos políticos começam a ver no trabalhismo uma força uniforme, que sabe o que quer e para onde vai [...]”<sup>26</sup>.

Observa-se que, ao inserir termos como “orientação” e ideias como “força que sabe para onde vai”, o *Ultima Hora* contribuiu para a construção de uma percepção de que, antes desorganizado, o PTB agora havia encontrado um rumo definido e estava progredindo em um movimento

<sup>22</sup> *Ethos*, aqui, refere-se à construção de uma auto-imagem por parte dos periódicos. Para ler mais sobre a construção de ethos, no geral, recomendamos Maingueneau, Dominique. **Variações do Ethos**. São Paulo: Parábola, 2020.

<sup>23</sup> Subtítulo em que os jornais elaboram um pequeno resumo ou chamada atrativa para a leitura da matéria.

<sup>24</sup> “Reeleição de João Goulart”, *Ultima Hora*, 19 de março de 1953, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

<sup>25</sup> “O povo nos confiou a maioria dos municípios e todos os redutos de nossos adversários”, *Ultima Hora*, 29 de novembro de 1951, caderno 1, página 3, entrevista com João Goulart.

<sup>26</sup> “Começou em Minas a revolução do PTB”, *Ultima Hora*, 09 de junho de 1953, caderno 1, página 3, reportagem de Humberto Alencar.

contínuo. Essa ideia de progresso foi reforçada pelos elogios frequentes ao partido encontrados no jornal.

Nas referências ao PTB, a estratégia editorial do *Ultima Hora* pareceu priorizar a abertura de espaço para a reprodução integral das falas de figuras políticas ligadas à agremiação petebista. Exemplo disso é o comentário de Vargas sobre o PTB, publicado na primeira edição do jornal, em 12 de junho de 1951: “Respondendo, de improviso, às manifestações petebistas declarou o Sr. Getúlio Vargas: – ‘Podeis regressar tranquilos aos vossos lares, certos de que o PTB é o partido do futuro.’”<sup>27</sup> Outro exemplo está na reprodução da fala de uma autoridade política petebista, como o deputado Rui Almeida, da bancada do Distrito Federal: “– ‘Um partido em que não há discursos, em que não há choques de ideias, é um partido prestes a desaparecer. Não sinto no PTB essa crise que se quer espalhar por aí’, afirmou-nos o deputado[...]’”<sup>28</sup>.

Essas reproduções podem ser interpretadas de forma ambígua. Por que o jornal optou por transcrever discursos diretos de lideranças partidárias? Uma possível explicação, considerando análises sobre comunicação jornalística, é a busca por isenção, evitando comprometimento direto com o conteúdo das declarações transmitidas. Ao adotar essa estratégia, o *Ultima Hora* permitia que os próprios discursos falassem por si, limitando a necessidade de análise ou opinião editorial explícita e resguardando-se de possíveis críticas ou polêmicas associadas às mensagens veiculadas.

Entretanto, ao comparar os textos publicados pelo *Ultima Hora* com os de outros jornais da época, percebe-se que, pelo menos no recorte temporal analisado, o periódico dirigido por Wainer buscava rebater e desmentir as críticas direcionadas ao partido e ao governo. Em certa medida, é possível interpretar que o *Ultima Hora* procurava romper com a suposta “campanha de silêncio” – expressão cunhada pelo próprio Wainer – que, segundo ele, também afetava a agremiação trabalhista.

<sup>27</sup> “PTB, Partido do Futuro, Declara o Presidente”, *Ultima Hora*, 12 de junho 1951, caderno 1, página 3, nota.

<sup>28</sup> “Tende a Desaparecer o Partido Em Que Não Há Choque De Ideias”, *Ultima Hora*, 15 de junho de 1951, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

Nesse sentido, o jornal oferecia espaço para que os políticos petebistas esclarecessem questões relacionadas à situação intrapartidária.

Além disso, é possível identificar uma tentativa de explicação da chamada crise enfrentada pelo PTB. Em reportagens e colunas assinadas, como ‘*Por trás da Cortina*’, de Humberto Alencar, surgem justificativas de que as intensas discussões internas no partido eram reflexo de seu caráter aberto, democrático e popular. Como um partido em crescimento, o PTB era apresentado como uma legenda voltada para a decisão conjunta, em que divergências eram tratadas como parte de um processo de amadurecimento e consolidação política:

A crise por que passa atualmente o Partido Trabalhista Brasileiro – declarava-nos, repetindo conversa anterior destacado prócer petebista – é uma crise de crescimento. Partido de massa, aglutinando sob sua bandeira milhões de trabalhadores brasileiros que atenderam ao apelo do seu inspirador, que é Vargas, está sofrendo os efeitos naturais do seu natural reajustamento no ampliar-se. Defendendo um programa de reivindicações dos mais humildes, constituído, em sua grande maioria, por uma gente que vive o dia a dia do trabalho para subsistir nas limitações de modestos orçamentos. Lógico que o PTB se diferencia dos outros partidos essencialmente burgueses, onde as divergências são cuidadas sob outros ângulos.<sup>29</sup>

Dessa forma, ao abordar o PTB, o *Última Hora* também realizou uma caracterização dos demais partidos políticos, que, segundo o jornal, ainda operavam dentro de um *modus operandi* tradicional e burguês:

Enquanto a UDN, o PSD e os demais grêmios político-partidários dessa feição travam a sua luta nos bastidores, à sete chaves procuram as soluções que, via de regra, surgem como resultados unâimes, o PTB, no exercício real da vida democrática, mostra abertamente a sua luta interna.<sup>30</sup>

<sup>29</sup> ‘‘Por trás da cortina’’, *Última Hora*, 12 de abril de 1952, caderno 1, página 3, coluna assinada por H.A.

<sup>30</sup> ‘‘Por trás da cortina’’, *Última Hora*, 12 de abril de 1952, caderno 1, página 3, coluna assinada por H.A.

Isso porque o PTB operava sob uma nova lógica, caracterizado como um “partido de massas”:

Já o PTB é, tipicamente, um partido de massas. Desfraldando a bandeira da evolução jurídico social, pleiteando a realização de conquistas que tornem o homem menos amargo num mundo em que vive, procura fazer a revolução legal dos novos princípios informadores da democracia do nosso tempo. [...] O novo ano vai encontrar o PTB em fase de pleno crescimento, de desenvolvimento integral. Mantendo contato com seus alicerces, o partido anseia por se tornar realmente um grande partido. E todos os prognósticos lhes são realmente favoráveis, porque nenhuma agremiação política brasileira retrata, tão bem, neste país, o espírito dos novos tempos.<sup>31</sup>

Os textos acima reforçam aspectos que contribuem para a construção de uma visão do PTB como um partido em crescimento contínuo, guiado e exponencial. A ideia de progressão é claramente perceptível nesse contexto – a política brasileira estava em transformação. À frente desse movimento, simbolizando os novos elementos de mudança, encontrava-se o Partido Trabalhista.

Esse aspecto é reafirmado posteriormente, quando o jornal passa a referir-se ao PTB como uma “revolução em marcha”. Tal expressão foi extraída da própria fala do presidente:

Eis aqui um dos trechos mais expressivos da mensagem que o Presidente Vargas dirigiu aos convencionais do PTB: “Somos uma revolução em marcha. Vos que aqui viestes de todas as latitudes do país, não representais os interesses de uma região, nem as aspirações de uma classe; não sois encarnações de grupos econômicos, nem imposições de privilégios sociais. Saístes de todas as profissões e atividades para empunhar uma bandeira que é a da reestruturação econômica e social da Pátria, em bases de igualdade de justiça e de bem-estar para todos.”<sup>32</sup>

<sup>31</sup> “Inquietação dos partidos centristas diante do assustador crescimento do populismo brasileiro”, *Última Hora*, 31 de dezembro de 1952, caderno 1, página 3, reportagem assinada por Humberto Alencar.

<sup>32</sup> “O dia do presidente – Uma revolução em marcha”, *Última Hora*, 22 de maio de 1952, caderno 1,

Assim, embora o *Ultima Hora* apresentasse um silenciamento direto em relação ao trabalhismo enquanto conceito, identificamos que, de forma indireta e bem demarcada, a doutrina era associada como sinônimo do partido getulista. Em outras palavras, o trabalhismo era representado como sinônimo de crescimento, reestruturação, modernização política e representação popular. Trabalhismo era Vargas, e sua estrutura partidária era simbolizada pela legenda do PTB.

Neste contexto, não cabe aqui discutir o quanto esses elementos se aproximam da realidade do partido, mas sim destacar as estratégias discursivas e os modos de enunciação que o *Ultima Hora* utilizou para colaborar na definição de um imaginário político em torno do partido e de Vargas no Brasil. Baseados em nossa análise do periódico, nos dados obtidos nesta pesquisa e na bibliografia consultada sobre o jornal, defendemos que a abordagem predominantemente descritiva e direta – desprovida de opiniões explicitadas por marcadores gramaticais de pessoalidade (como eu, tu, nós) e sem elaborações teórico-conceituais mais aprofundadas – foi adotada pelo *Ultima Hora* por dois motivos principais.

Primeiro, por ser um jornal moderno e alinhado às principais inovações do jornalismo anglo-saxão, não cabia ao diário emitir delineações opinativas explícitas que pudessem comprometer a impressão de neutralidade e objetividade perante seu público-leitor ideal. Segundo, devido à reconhecida relação entre o jornal e o governo Vargas – algo frequentemente destacado por outros periódicos da época –, era essencial que o *Ultima Hora* evitasse fornecer argumentos que pudessem ser utilizados por seus opositores. Assim, não seria estratégico para o jornal realizar apologias diretas ao trabalhismo, ao PTB ou a figuras getulistas sem antes construir uma discursividade que se apresentasse como exterior ao periódico, posicionando-o exclusivamente como um veículo que “transmitia os fatos”.

Nesse sentido, entendemos que as menções ao trabalhismo e ao PTB surgiram, majoritariamente, em reportagens, entrevistas, colunas

não assinadas e pequenas notas, e não em matérias que pudessem ser interpretadas como a visão oficial do jornal enquanto empresa. Durante esse período, é importante destacar que o *Ultima Hora* optou por não produzir editoriais diários, decisão que Wainer justificou como mais adequada, dada sua inexperiência com esse tipo de escrita.

Colunas de destaque no jornal, como “*Barômetro Econômico*”, “*O Dia do Presidente*” e “*Coluna de Ultima Hora*”, eram, nesse contexto, consideradas porta-vozes de opiniões mais institucionalizadas dentro da redação. No entanto, a relação estreita entre Vargas, o *Ultima Hora* e o PTB não impediu o periódico de tecer críticas aos temas analisados, evidenciando certa autonomia editorial mesmo diante de suas associações políticas.

Assumiu-se que o PTB enfrentava uma “política de esfacelamento”<sup>33</sup> sempre que deixava de cumprir sua função primordial de apoio ao governo. Promovendo discussões reduzidas a disputas pelo poder, denunciou-se que bastou Vargas assumir a presidência no Palácio do Catete<sup>34</sup> para que o PTB passasse por uma transformação negativa, gerando “discórdia” e “perturbação ao governo”<sup>35</sup>.

Humberto Alencar, em suas reportagens especiais para o *Ultima Hora*, também destacou que o partido petebista “quer ser o ‘dono’ do Sr. Getúlio Vargas, provocando com isso certa insatisfação no seio dos demais amigos políticos do Presidente”<sup>36</sup>. A cartola dessa reportagem sintetizava: “O PTB não oferece condições propícias para ser o partido base do governo”. A proposta apresentada ao final da matéria sugeria a criação de um novo partido que pudesse se constituir como uma base forte e estável para o governo Vargas.

<sup>33</sup> “*Ultima Hora na política*”, *Ultima Hora*, 14 de junho de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

<sup>34</sup> O Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, era neste período a sede da presidência do Brasil.

<sup>35</sup> “*Ultima Hora na política – A Licença de Danton e a Crise Trabalhista*”, *Ultima Hora*, 21 de junho de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

<sup>36</sup> “Só um partido para congregar as forças que apoiam o governo”, *Ultima Hora*, 26 de outubro de 1951, caderno 1, página 3, reportagem assinada por Humberto Alencar.

As críticas ao trabalhismo concentraram-se, em grande parte, na atuação de Segadas Viana como Ministro do Trabalho. Ele foi acusado de adotar uma política “criminosa e desagregadora”, ao reprimir as manifestações dos trabalhadores. Por não seguir as orientações de Vargas<sup>37</sup>, Viana foi retratado como representante de um “falso trabalhismo”<sup>38</sup> no Ministério, associado a práticas pelegas e corruptas.

O *Ultima Hora* denunciava que, sob sua gestão, “continuam dominando no Ministério do Trabalho os mesmos métodos de falsificação do trabalhismo e predominam os mesmos semblantes sinistros dos aproveitadores do Fundo Sindical e de quanta verba possa aparecer para a mesma categoria de roedores”<sup>39</sup>.

Dessa forma, o *Ultima Hora* não criticava a doutrina trabalhista enquanto pressuposto teórico, mas sim as falhas em sua aplicação prática. É interessante observar como o jornal buscava desvincular esses desvios da imagem de Vargas. No entanto, a orientação de Segadas Viana não pode ser considerada isolada das diretrizes gerais do governo entre 1951 e 1952.<sup>40</sup> Nesse período, a política de manutenção da ordem e contenção das reivindicações populares visava equilibrar os interesses das classes populares e das elites industriais, especialmente nas áreas urbanas.

As menções do *Ultima Hora* sobre o tema destacavam o descontentamento dos trabalhadores com Segadas Viana, frequentemente insinuando Vargas como um intermediador dos conflitos. Em uma dessas reportagens, o jornal afirmou:

<sup>37</sup> “Enquanto Vargas Prega a Sindicalização e o Expurgo Dos “Pelegos” e Parasitas da burocracia Corrompida do Ministério do Trabalho, o sr. Segadas Viana Releva-se Incapaz de Cumprir o Programa do Presidente – Devolver Aos Trabalhadores a Confiança no Ministério do Trabalho, Missão em Que o Ministro Falhou”. “Rebelam-se os sindicatos contra os ‘Pelegos’”, *Ultima Hora*, 10 de outubro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

<sup>38</sup> “Rebelam-se os sindicatos contra os ‘Pelegos’”, *Ultima Hora*, 10 de outubro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

<sup>39</sup> “Rebelam-se os sindicatos contra os ‘Pelegos’”, *Ultima Hora*, 10 de outubro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

<sup>40</sup> SOUZA, P. C. B. **Representações em disputa:** trabalhismo e PTB nas páginas dos jornais cariocas *Última Hora* e *Correio da Manhã* (1951-1954). 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2021.

Ali estavam eles, os trabalhadores de São Paulo, para denunciar ao Chefe do Governo – e aqui empregamos textualmente as palavras de um dos oradores – a ‘atuação criminosa e desagregadora do Ministério do Trabalho’. [...] Enumeraram fatos, apontaram exemplos. Fizeram queixas graves e amargas.<sup>41</sup>

Por outro lado, a representação do sucessor de Segadas Viana no Ministério do Trabalho era consideravelmente distinta. Eventuais problemas em sua administração eram atribuídos a inexperiências temporárias, que seriam prontamente superadas “[...] com uma enorme capacidade de trabalho e de ação. E isto lhe tem valido seus melhores êxitos.”<sup>42</sup>. João Goulart, que assumiu o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC) em 1953, foi retratado como o fundador de um “novo estilo de trabalhismo”<sup>43</sup>. Esse estilo caracterizava-se pelo apaziguamento das manifestações por meio de um atendimento atento, incluindo reuniões com dirigentes sindicais em seu próprio gabinete, onde negociava concessões às reivindicações das greves.

O *Ultima Hora* explicava as oposições ao “janguismo”, tanto dentro do Ministério quanto no PTB, como resultado das críticas das classes conservadoras, interessadas na manutenção das desigualdades sociais. Em tom irônico, o jornal nomeou esses oposicionistas de “sindicato da mentira”, numa alusão crítica à sua posição contrária às reformas propostas:

O objetivo do Sindicato da Mentira foi, por isso mesmo, mais profundo e pretendeu atingir o homem que vem revitalizando o trabalhismo nacional, para dar-lhe consciência dos seus deveres e de sua força na hora atual. [...] O trabalhismo como nome já assusta, sem dúvida, as forças de retrocesso e reação. Mas

<sup>41</sup> “O dia do presidente – clamor de milhares de trabalhadores paulistas contra a orientação do Ministério do Trabalho”, *Ultima Hora*, 02 de maio de 1953, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

<sup>42</sup> “*Ultima Hora* na política – A vitória do PTB no Rio Grande do Sul”, *Ultima Hora*, 07 de novembro de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

<sup>43</sup> DELGADO, Lucília. **PTB:** do Getulismo ao Reformismo (1945-1964). 2. Ed. São Paulo: LTr, 2011.

quando êle entra numa fase de renovação e prestígio, aí então torna-se um perigo para os pescadores de águas turvas, que só encontram a mentira como triste e último recurso de combate.<sup>44</sup>

No que diz respeito a João Goulart, observa-se novamente a estratégia do *Ultima Hora* de recorrer à citação direta dos discursos dos trabalhadores como forma de corroborar uma visão positiva. Essa abordagem permitia ao jornal criar um distanciamento aparente, transmitindo a mensagem: “não somos nós que estamos afirmado isso, são eles”. Assim, destacava-se a satisfação dos trabalhadores com o Ministro, evidenciando seu reconhecimento como um interlocutor atento e eficaz em questões trabalhistas:

Dr. João Goulart, Presidente nacional do PTB, Rio. O sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, representando mais de 100 mil operários apresenta sinceros agradecimentos a V. Exa., pelo empenho na luta pelo salário-mínimo em todo o território nacional. Envia sinceras homenagens dos trabalhadores paulistas. Sinceramente. a) Remo Forli, Presidente.<sup>45</sup>

O que buscamos destacar é o questionamento sobre o quão diferente, de fato, foi a política de João Goulart dentro do segundo governo Vargas em relação à de Segadas Viana. Mais do que isso, interrogamos o quanto a postura de Goulart foi considerada “legítima” dentro da orientação getulista, enquanto a de Segadas Viana era vista como destoante. Não seriam ambos produtos de uma mesma lógica governamental?

Para o *Ultima Hora*, o trabalhismo associado a Segadas Viana era uma distorção do programa trabalhista. Em contrapartida, com João Goulart, o jornal promovia a ideia de que havia “certeza de que o programa dessa prestigiosa agremiação partidária será seguido à risca, facultando aos

<sup>44</sup> “Fracassou o sindicato da mentira na manobra contra João Goulart”, *Ultima Hora*, 13 de dezembro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

<sup>45</sup> “Agradecimento dos trabalhadores paulistas ao presidente Vargas: Vitória maiúscula de nossas reivindicações”, *Ultima Hora*, 04 de maio de 1954, caderno 1, página 3, nota.

trabalhadores maior ajuda ao benemérito governo, que êles ajudaram a colocar no poder” (reprodução direta da fala do líder do sindicato dos gráficos de São Paulo).<sup>46</sup>

Não é objetivo deste trabalho questionar a autenticidade do contentamento operário ou se ele refletia o sentimento das camadas mais amplas de trabalhadores brasileiros. O foco aqui é compreender como o *Ultima Hora* construiu seus discursos sobre os acontecimentos. Nesse sentido, o jornal buscava, por meio das correntes internas do partido, endossar a vertente com a qual mais se identificava. Acreditamos que essa simpatia não era gratuita, mas refletia a preocupação do jornal em atender às expectativas de seu público-leitor ideal.

Embora fosse considerado multiclassista, o *Ultima Hora* posicionava-se como um jornal atento às causas populares. Assim, seria incoerente com sua linha editorial defender políticas percebidas como opressivas, como a de Segadas Viana, especialmente em oposição às demandas dos sindicatos. Por outro lado, o periódico procurava desvincular as ações de Viana da imagem de Vargas, preservando, em suas páginas, a figura do presidente e o getulismo amplamente bem-visto.

Ainda que utilizasse essas estratégias, fica claro que o *Ultima Hora* não endossou o PTB e o trabalhismo em sua totalidade – algo que se esperaria de um veículo de comunicação que fosse um mero “instrumento de dominação” ou “porta-voz do governo”, como questionamos na primeira parte deste trabalho.

## Considerações finais

O presente trabalho buscou analisar como o jornal *Ultima Hora* discursou sobre o trabalhismo e o PTB durante o segundo governo Vargas (1951-1954), com o objetivo de avaliar a autonomia ou submissão do periódico ao getulismo, como apontado pela literatura sobre o tema.

<sup>46</sup> “Maior pujança para as hostes trabalhistas”, *Ultima Hora*, 23 de maio de 1952, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

Esses objetivos foram alcançados à medida que investigamos as estratégias discursivas empregadas pelo jornal na construção de vieses sobre o partido e a doutrina trabalhista. Essas estratégias, embora destacassem qualidades nos objetos discursados, também teciam críticas ao que não estava alinhado com a visão do periódico.

Acreditamos que parte dessa inconformidade se deve à identificação do jornal com a linha getulista/nacionalista de governo, mas também à sua preocupação em atender às demandas de seu público-leitor ideal, as classes populares. Assim, em resposta à questão central deste artigo – “O jornal *Ultima Hora* era um mero instrumento do governo Vargas ou demonstrava autonomia ao discursar sobre o trabalhismo e o PTB?” – defendemos que o periódico exercia uma autonomia relativa, no sentido Bourdieusiano do termo. Isso porque, ao mesmo tempo em que sofria pressões do governo e de outros setores sociais e econômicos, também exercia sua própria influência, atuando como uma empresa que defendia os interesses de classes específicas.

A relevância do *Ultima Hora* nesse contexto de disputas simbólicas reside em sua inserção na chamada “grande imprensa”. O grau de autonomia do periódico não pode ser ignorado por conta de sua proximidade com Vargas e o governo, mas tampouco podemos ser ingênuos ao ponto de classificá-lo como completamente autônomo ou como um “partido político”, na acepção gramsciana. Isso é evidente no cuidado que o jornal teve na apresentação das informações, evitando torná-las panfletárias e abrindo espaço para que os diferentes lados dos acontecimentos pudessem se expressar. Por exemplo, o periódico frequentemente realizava reportagens nas quais destacava as falas diretas de políticos petebistas, permitindo-lhes responder às críticas direcionadas ao partido no contexto analisado.

Contudo, o *Ultima Hora* não se isentou de criticar o fisiologismo e a falta de representatividade presentes no PTB e no trabalhismo brasileiro. Apesar de seu alinhamento com o getulismo, o jornal destacou os problemas de uma política baseada exclusivamente na coerção e cooptação,

enfatizando que, no contexto de abertura política às classes populares, não era mais possível tratá-las apenas como “massa de manobra”. O periódico deu visibilidade às insatisfações dos sindicatos, ainda que procurasse desvincular essas críticas do ideal getulista em si.

Essas descobertas, embora relevantes, não abordam diretamente a recepção do periódico pela população – uma limitação deste trabalho e das pesquisas sobre o posicionamento da imprensa em geral. No entanto, elas contribuem para uma compreensão mais complexa e menos determinista da atuação da imprensa como agente político e social, evitando narrativas binárias que ainda permeiam a historiografia brasileira.

Defendemos que os periódicos, enquanto empresas com valores e ideologias específicos, atuavam (e ainda atuam) politicamente, mas não como um “quarto poder” absoluto ou como “panfletos submissos”. Em vez disso, desempenham um papel particular dentro de sua posição institucional, pretendendo representar seu público por meio de suas visões e valores. Compreender as mídias como atores específicos, com funções delimitadas, é essencial para analisar sua influência na conformação social.

No caso do *Ultima Hora*, durante o período de 1951-1954, o jornal participouativamente das lutas simbólicas pela construção de imaginários sociais, buscando equilibrar seus compromissos políticos com as demandas de sua audiência.

Esperamos que este trabalho contribua para os estudos históricos e de comunicação, aprofundando a compreensão sobre a imprensa em sua autonomia relativa e ressaltando seu papel na construção de narrativas e representações sociais.

## Referências

### Fontes

“Agradecimento dos trabalhadores paulistas ao presidente Vargas: Vitória maiúscula de nossas reivindicações”. *Ultima Hora*, 04 de maio de 1954, caderno 1, página 3, nota.

“Começou em Minas a revolução do PTB”. *Ultima Hora*, 09 de junho de 1953, caderno 1, página 3, reportagem de Humberto Alencar.

“Fracassou o sindicato da mentira na manobra contra João Goulart”. *Ultima Hora*, 13 de dezembro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

“Inquietação dos partidos centristas diante do assustador crescimento do populismo brasileiro”. *Ultima Hora*, 31 de dezembro de 1952, caderno 1, página 3, reportagem assinada por Humberto Alencar.

“Maior pujança para as hostes trabalhistas”. *Ultima Hora*, 23 de maio de 1952, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

“O dia do presidente – clamor de milhares de trabalhadores paulistas contra a orientação do Ministério do Trabalho”. *Ultima Hora*, 02 de maio de 1953, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

“O dia do presidente – Uma revolução em marcha”. *Ultima Hora*, 22 de maio de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

“O povo nos confiou a maioria dos municípios e todos os redutos de nossos adversários”. *Ultima Hora*, 29 de novembro de 1951, caderno 1, página 3, entrevista com João Goulart.

“Por trás da cortina”. *Ultima Hora*, 12 de abril de 1952, caderno 1, página 3, coluna assinada por H.A.

“PTB, Partido do Futuro, Declara o Presidente”. *Ultima Hora*, 12 de junho de 1951, caderno 1, página 3, nota.

“Rebelam-se os sindicatos contra os ‘Pelegos’”. *Ultima Hora*, 10 de outubro de 1952, caderno 1, página 3, coluna não assinada.

“Reeleição de João Goulart”. *Ultima Hora*, 19 de março de 1953, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

“Só um partido para congregar as forças que apoiam o governo”. *Ultima Hora*, 26 de outubro de 1951, caderno 1, página 3, reportagem assinada por Humberto Alencar.

“Tende a Desaparecer o Partido Em Que Não Há Choque De Ideias”. *Ultima Hora*, 15 de junho de 1951, caderno 1, página 3, reportagem não assinada.

“Ultima Hora na política – A Licença de Danton e a Crise Trabalhista”. *Ultima Hora*, 21 de junho de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

“Ultima Hora na política – A vitória do PTB no Rio Grande do Sul”. *Ultima Hora*, 07 de novembro de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

“Ultima Hora na política”. *Ultima Hora*, 14 de junho de 1951, caderno 1, página 3, coluna assinada por Medeiros Lima.

## Bibliografia

BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*. Rio De Janeiro: Mauad X, 2010.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo*. 3. Ed., Lisboa: Edições 70, 2004.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAPELATO, Maria. *Imprensa e História do Brasil*. São Paulo: Contexto/Edusp, 1988.

CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. In: À Beira da Falésia: A História entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1990.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *Sindicatos, carisma e poder: O PTB de 1945-65*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

D'ARAÚJO, Maria Celina; GOMES, Angela de Castro. *Getulismo e Trabalhismo: tensões e dimensões do Partido Trabalhista Brasileiro*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas/CPDOC, 1987.

D'ARAÚJO, Maria Celina. *O segundo governo Vargas 1951-1954: democracia, partidos e crise política*. 2. Ed. São Paulo: Ática, 1992.

DELGADO, Lucília. *PTB: do Getulismo ao Reformismo (1945-1964)*. 2 Ed. São Paulo: LTr, 2011.

FERREIRA, Jorge. *O imaginário trabalhista: getulismo, PTB e cultura política popular 1945-1964*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

FERREIRA, Jorge. *A democracia no Brasil (1945-1964)*. São Paulo: Atual, 2006.

FERREIRA, Jorge (Org.). *O populismo e sua história: debate e crítica*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília (Org.). *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática (1945-1964)*. 9 Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

FIDELIS, Thiago. Samuel Wainer: entre Diretrizes e Ultima Hora. *Em Tempo de Histórias*, 33, Brasília, Ago. – Dez 2018, pp. 276-294.

GOMES, Angela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

GOMES, Angela de Castro. *Getúlio escreve a Lourival: os bilhetes à Casa Civil da Presidência da República (1951-1954)*. Aracaju: Edise, 2015.

HOHLFELDT, Antonio; BUCKUP, Carolina. *Ultima Hora: populismo nacionalista nas páginas de um jornal*. Porto Alegre: Editora Sulina, 2002.

LACLAU, Ernesto. *A razão populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

LAURENZA, Ana. *Lacerda x Wainer: O Corvo e o Bessarabiano*. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

LUCA, Tania de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005.

MAINIGUENEAU, Dominique. *Variações do Ethos*. São Paulo: Parábola, 2020.

MARTINS, Ana; LUCA, Tânia de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011.

MARTINS, Luis. *A grande imprensa “liberal” da Capital Federal (RJ) e a política econômica do segundo governo Vargas (1951-1954): conflito entre projetos de desenvolvimento nacional*. 2010. Tese (Doutorado em História). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/2364>. Acesso em 05 ago. 2024

MARTINS, Luis. Pensamento político e imprensa brasileira no pós-guerra: democracia e participação popular na visão do *Correio da Manhã* no Segundo Governo Vargas. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre: 2020.

MORAES, Roque. Análise de Conteúdo. *Rerista da Faculdade de Educação da PUCRS*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

PADOVANI, Patrícia. *Última Hora: Uma tribuna do governo e dos trabalhadores – Uma análise do jornal para o legado político do trabalhismo*. 2016. Dissertação (Mestrado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais). Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10438/17126>. Acesso em 05 ago. 2024.

PINTO, Milton. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

REGINA, Thiago Costa Juliani. *As representações sobre a União Democrática Nacional na imprensa carioca do segundo governo Vargas (1951-1954)*. 2020. Dissertação (Mestrado em História) – PUCRS, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/9389>. Acesso em 05 ago. 2024.

RIBEIRO, Ana. *Imprensa e História no Rio de Janeiro dos anos 1950*. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.

RIBEIRO, Lavínia. O processo de institucionalização do jornalismo no Brasil (1808-1964). In.: BARROS, Antonio Teixeira et al. *Comunicação, discursos, práticas e tendências*. São Paulo: Editora Rideel, 2001.

SOUZA, P. C. B. *Representações em disputa: trabalhismo e PTB nas páginas dos jornais cariocas Última Hora e Correio da Manhã (1951-1954)*. 2021. Dissertação (Mestrado em História) - Escola de Humanidades, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2021.

WAINER, Samuel. *Minha razão de viver*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1987.

## **Ferramentas de revisão:**

OPENAI. ChatGPT (janeiro de 2025). Modelo de linguagem baseado em inteligência artificial. Disponível em: <https://openai.com/chatgpt>. Acesso em: 28 jan. 2025.

Recebido em: 05/08/2024

Aceito em: 12/03/2025